

## Dupla marcação do artigo

Iva Svobodová

e-mail: 9255@mail.muni.cz

Instituto das Línguas e Literaturas Românicas, Faculdade de Letras da  
Universidade de Masaryk, Brno, República Tcheca

O presente texto tem por objetivo apresentar os principais resultados da investigação das propriedades *microlinguísticas* e *macrolinguísticas*<sup>1</sup> do artigo em língua portuguesa, o qual, além de ser operador dos processos de determinação, pode apresentar ainda duas funções: a de marcador morfológico e a de marcador estilístico.

1. No que à primeira função diz respeito, o artigo poderia ser definido, dos pontos de vista gramatical e morfológico, como um *pré-morfema satélite*<sup>2</sup> que entra na construção nominal e recebe o género e o número gramatical do nome.<sup>3</sup> O processo da atribuição destas duas categorias gramaticais ao artigo, de acordo com a concordância nominal, normalmente decorre num sentido regressivo. Há, contudo, situações em que o nome recebe a significação de acordo com o género e o número do artigo, caso, em que o nome passa a ocupar, no sintagma nominal e do ponto de vista semântico, uma posição mais periférica, aproximando-se o artigo à posição mais central. Este comportamento do marcador morfológico que consiste em determinar, de acordo com a forma morfémica, o significado lexical do nome, poderia ser definidos como marcado, de acordo com M. Krčmová (2005), que define o valor gramatical *não marcado* a nível do sistema de uma língua com base de sua função canónica, enquanto que o valor gramatical *marcado* se apresenta num sentido oposto, sendo muitas vezes, também exemplificado por construções agramaticais ou desvios à norma.

---

<sup>1</sup> De acordo com Svobodová (2010), a marcação do artigo verifica-se tanto a nível *microlinguístico* (fonético, morfológico e sintático) como a nível *macrolinguístico* (pragmático-semântico, estilístico e cognitivo).

<sup>2</sup> A classificação dos morfemas, de acordo com as teorias mais recentes do Círculo de Praga, é realizada com base em dois fatores: um que se prende com a estrutura morfémica da unidade linguística e o outro que se prende com o significado lexical do morfema. Os morfemas classificam-se, portanto, em dois tipos: morfemas livres (os que são graficamente separáveis e capazes de se deslocar na frase) e morfemas presos (que se aglutinam com outros morfemas, formando uma palavra). O artigo pertence à classe dos morfemas livres que são morfemas isolados com um significado gramatical denominados *satélite*. (Zavadil, Čermák 2010:27).

<sup>3</sup> Enquanto que as teorias generativistas consideram o artigo uma classe lexical autónoma e sintaticamente independente (tal como os adjetivos), os representantes do estruturalismo funcional definem-no como uma classe lexical dependente, que, por um lado, entra na construção nominal num sentido mais largo (determinando-o por meio das operações de determinação), mas, por outro lado, consideram-no (mais radicalmente) como um pré-morfema dependente do nome (Šabršula 1986:82 *apud* Zavadil, Čermák 2010:393), que se encontra na sua periferia recebendo o seu género e número.

2. Já do ponto de vista estilístico propomos definir o artigo como *estilema*, conceito que, no âmbito Estilística das Línguas Eslavas, é descrito como<sup>4</sup>:

“um meio estilístico capaz de ativar ou desativar o perfil estilístico (ou pragmático) da enunciação, que tem dois componentes: o informativo, denominado *informema* (estilisticamente passivo, objetivo, informativo-nocional) e o pragmático, denominado *pragmema* (estilisticamente ativo, subjetivo, expressivo e emotivo).” (SVOBODOVÁ:2006 *apud* Findra:2002).

De facto, o artigo, devido ao seu ”carácter polifuncional e polivalente“ (Puchovská: 2009), também se apresenta como *pragmema* e *informema*. O componente nocional do artigo (*informema*) funciona, de um modo não marcado, como operador dos processos de determinação, contribuindo para o carácter objetivo e neutral de um determinado texto, sendo maximamente transparente no sentido de não implicar outros significados secundários. Por outro lado, o componente pragmático (*pragmema*) torna o texto estilisticamente ativo, entoando-lhe de um maior ou menor grau de familiaridade, expressividade e informalidade, contribuindo, concomitantemente, para a perfilização do tipo do discurso. Comparativamente com o *informema*, o *pragmema* é menos transparente no sentido de univocidade semântica. Este componente pragmático é definido como marcado. Para comparar as propriedades dos dois componententes, veja-se o seguinte quadro sinóptico:

informema	pragmema
componente não marcado/canónico	componente marcado/não canónico
sentido nocional, neutral, objetivo	sentido pragmático, expressivo, subjetivo
<i>transparência máxima</i> <sup>5</sup>	<i>transparência fraca ou mínima</i> <sup>6</sup>

### 1. Marcação morfológica do artigo

De referir, que ao nível morfológico, verificámos a *marcação morfológica* do artigo em dois casos. 1. no sistema morfológico geral *de la langue*, a marcação pode ser ilustrada pelo movimento em que decorre a concordância nominal e pelas possibilidades de compatibilidade veiculadas pela derivação imprópria; 2. no sistema morfológico lexical *de la*

<sup>4</sup> Constate-se que, no âmbito da linguística tcheca e eslovaca, se tem verificado, nos últimos anos, a tendência geral para autonomizar a *Estilística* como uma disciplina linguística independente, fato que se prende, precisamente, com a existência de um sistema terminológico próprio e, também, de teorias variáveis que dentro desta disciplina foram construídas.

<sup>5</sup> (Puchovská: 2009).

<sup>6</sup> (Puchovská: 2009).





A substantivização sintática consiste na nominalização ocasional das frase infinitivas (*Agradeço-lhe o ter-me convidado para os Dias de Cultura.*<sup>14</sup>) ou, na nominalização ainda mais esporádica das formas finitas (*É o vens.*<sup>15</sup>).

Pressupomos que, a nível de estilo, as construções substantivadas podem ser caracterizadas do ponto de vista semântico como iconizadas e, portanto, semanticamente unívocas, mas, por outro lado, evocam um certo choque pela sua anomalia gramatical, contribuindo para um perfil peculiar, dinâmico e atraente do texto, comparativamente com os seus equivalentes: *o sim= o acordo; o não= o desacordo; o onde= o lugar; o quando= o tempo, o pró= a vantagem, o porquê= a causa, o contra= a desvantagem, etc.*

No que se refere à marcação morfológica a nível de *la parole*, isto é, a nível da estrutura concreta da palavra, um dos exemplos em que ocorre a dicotomia das formas estilisticamente *marcadas* e *não marcadas*, foi registado no caso das formas contraídas do artigo definido e indefinido com a preposição *de*. Foi verificado que tanto as formas contraídas como as não contraídas são frequentes em todos os tipos de linguagem, dependendo do tipo da preposição.<sup>16</sup> Ora, no que à forma contraída *dum/duma* diz respeito, para além das situações em que o artigo não se aglutina à preposição por norma, isto é, quando integra o título de obras ou faz parte do sujeito do infinitivo pessoal, as formas não contraídas (*de+um/uma/uns/umas*)<sup>17</sup> ocorrem frequentemente em diferentes tipos textuais. Deparamos com elas tanto linguagem literária (*as armas de uma luxuosa arte*) como na linguagem falada (*Nessa altura o desporto era encarado de uma maneira diferente.*). Pressupomos que as formas não contraídas são usadas pelo interlocutor subconscientemente para destacar ou enfatizar a qualidade que o nome implica. De acordo com Lapa (1989:122), o artigo indefinido pode reforçar a intensidade de representação. Em nossa opinião, esta função de valorizar o nome, é muito mais visível quando o artigo indefinido figura na frase como uma unidade isolada. Ao mesmo tempo, as formas não contraídas podem refletir um ritmo mais lento e um discurso mais cuidadoso do interlocutor. Neste sentido, as formas não cráticas podem ser consideradas como enfatizantes e estilisticamente marcadas, opostas à natureza neutral das formas contraídas, como mostra o seguinte quadro:

---

<sup>14</sup> SANTOS, COSTA (2008), <http://www.linguateca.pt>. (Cetem Público).

<sup>15</sup> ALEGRE, Manuel (2002:13).

<sup>16</sup> Muitas vezes ocorre, no ensino de PLE, no contexto eslavo, o erro de ser destacada a obrigatoriedade das formas cráticas *dum/duma*.

<sup>17</sup> Depare-se que a situação muda no caso preposição *em*. As formas contraídas *num/numa* prevalecem comparativamente com as formas não contraídas *em um/uma*. Contudo, quando *um/uma* é numeral, as formas não contraídas são muito mais frequentes, p.ex: *em um milhão, em um minuto, em um ponto porcentual, um em três*, etc. ([www.linguateca.pt](http://www.linguateca.pt)).

forma não contraída	▶	<b>de um/ uma</b>	<b>gramaticalmente correto</b>	<b>estilisticamente activa</b>
forma contraída	▶	<b>dum/ duma</b>	<b>gramaticalmente correto</b>	<b>estilisticamente não activa</b>

Ora, do ponto de vista morfológico e textual são curiosas, mas não raras, as ocorrências das formas morfológicamente marcadas e agramaticais, que, por um uso tão frequente, podem ser, em nossa opinião, consideradas desvios à norma. A forma contraída nos dois casos excepcionais, isto é, quando o artigo integra o título de obras ou quando pertence ao sujeito do infinitivo pessoal, foi verificada não só na linguagem falada como, também, escrita (jornalística).

forma não contraída	▶	<b>de o(s)/de a(s)</b>	<b>gramaticalmente correto</b>	<b>estilisticamente não marcada</b>
forma contraída	▶	<b>do(s)/da(s)</b>	<b>agramatical</b>	<b>estilisticamente marcada</b>

*...é o facto dos alunos que frequentam colégios particulares, conseguirem alcançar médias que nunca conseguiriam alcançar no ensino público....* (CD, Português falado, Vida de estudante)

*A referida placa só terá inaugurada em 1911, quando em Lisboa decorreu um conjunto de iniciativas dedicado ao autor dos Lusíadas .* (CETEM Público, [linguateca.pt:par=ext1281121-soc-97b-2](http://linguateca.pt:par=ext1281121-soc-97b-2))

*Sintoma da gravidade da situação é o facto dos militares estarem divididos entre as duas facções..* (CETEM Público, [linguateca.pt: par=ext525938-pol-92a-2](http://linguateca.pt:par=ext525938-pol-92a-2))

## 2. Marcação estilística do artigo

Quanto à análise estilística do artigo, no presente trabalho propomos fazer a divisão dos valores estilísticos<sup>18</sup> do artigo em *constantes*, *aderentes* e *inerentes*.

Os valores que são *constantes*<sup>19</sup> registam-se em unidades estilísticas que se repetem, sistematicamente, em tipos idênticos de textos e contextos. Um dos exemplos em que se verifica o valor constante do artigo, é o uso do artigo omitido em diferentes sintagmas nominais cujo núcleo é representado por um nome massivo na função objetiva ou por um nome que denota profissão na função predicativa: *Ele é (-) médico./Bebeu (-) água fria./ Não há (-) salmonetes no mercado*. Outro exemplo que ilustra a constância de uso é o artigo omitido nos títulos de textos jornalísticos (*Médico segura coração de bebé*)<sup>20</sup>.

<sup>18</sup> O “valor estilístico”, na conceção praguense, é um conceito que costuma ser estreitamente ligado, sobretudo à divisão funcional de línguas em diferentes estilos funcionais: linguagem escrita, falada, arcaica, formal, familiar, profissional, literária, jornalística, etc. Neste sentido, os valores estilísticos do artigo ainda não foram formalizados nas gramáticas da língua portuguesa, o que resulta também em superficialidade da compreensão deste por parte dos falantes não nativos da língua portuguesa.

<sup>19</sup> O valor constante é denominado em “Gramática Construtural da Língua Portuguesa” como “constâncias” que são definidas como “os elementos constantes que não podem ser eliminados, trocados ou alterados, sob pena de mudança de significado ou de incompreensão.” (Back, Mattos: 1972).

<sup>20</sup> Svobodová (2010:113-115).

Os valores *aderentes*, que pertencem aos estilisticamente mais ativos, por outro lado, consistem em evocar, além do próprio significado lexical-nocional, um efeito estilístico secundário (como, por exemplo, pode ocorrer na linguagem falada em que o artigo tanto definido como indefinido apresentam um forte valor enfático (*É o vens!*<sup>21</sup> *As crianças são uns piratas! Ela tem uns olhos!*).

O valor *inerente*, ao contrário, obedece às necessidades comunicativas informativas e a sua ocorrência verifica-se em comunicações especializadas e profissionais. Neste caso predomina o significado nocional, sendo suprimido qualquer componente pragmático. O valor inerente do artigo seria patente, por exemplo, no caso do artigo definido utilizado com os termos técnicos e especializados (*a cirurgia x \*uma cirurgia*).

O nosso foco de interesse, como é lógico, é o valor aderente do artigo, que nos documenta um vasto leque de casos onde o artigo é estilisticamente mais ativo. No presente trabalho abordaremos, contudo, apenas as construções antroponímicas e, marginalmente, patronímicas. Refira-se que a variabilidade do artigo não se restringe apenas a fatores estilísticos, mas, também, diatópicos. Enquanto que a variabilidade de uso do artigo em PE com os nomes próprios é mais ou menos sociolinguisticamente estável, no Português do Brasil, o uso do artigo apresenta uma maior idiossincrasia e individualidade, depreendendo-se da proveniência, sexo e idade do interlocutor e, sobretudo, do grau de intimidade existente entre os participantes do diálogo (Tavačová 2015), (Pereira 2014). Ao contrário, na linguagem escrita do PB, o uso do artigo omitido em construções antroponímicas é mais constante do que no PE onde a ocorrência do artigo se prende com o grau de formalidade do discurso, como veremos mais adiante. Assim, por um lado, oferece-se-nos a opinião exposta de Soares):

“Em português europeu, os nomes próprios de pessoa (quando usados referencialmente) são **obrigatoriamente** precedidos de um artigo definido ... todos os nomes próprios se encontram submetidos a este comportamento.” (Soares 1999: 496).

Por outro lado, não obstante, verificamos, em PE, a ausência do artigo com os nomes próprios de pessoa em casos específicos, sendo tal uso reservado para os discursos literários ou formais, o que documentam numerosos exemplos presentes em textos jornalísticos (reportagens, análises literárias, etc.). Estes tipos textuais representam uma linguagem mais formal que implica objetividade do autor, dever de isenção e um distanciamento em relação a

---

<sup>21</sup> ALEGRE, Manuel (2002:13).

fatos e pessoas tratados na notícia. Veja-se, portanto, como duas formas diferentes do artigo (definido e omitido) podem exercer a mesma função nocional em dois textos diferentes de PE:

**O Marko** estuda agricultura tecnológica e **a Iva** prepara-se para concluir gestão. (**registo oral**)

**Marko** estuda agricultura tecnológica e **Iva** prepara-se para concluir gestão. (**registo jornalístico**)<sup>22</sup>

Um caso peculiar é formado pelos nomes de personagens históricas, os quais, normalmente, não requerem nem permitem um artigo definido (Soares 1999: 496). Não obstante, não raramente se verificam, em PE, tendências para usar o artigo definido nestas construções, quando usadas num registo oral ou escrito informal, como prova o exemplo seguinte em que um operário de têxtil, numa entrevista não formal, desenvolve um diálogo relacionado com os grandes escritores portugueses, utilizando o artigo e reduzindo o grau de formalidade do discurso:

no ...a dona Ana era uma senhora da, eh, da alta sociedade que, eh, oferecia muitos banquetes, e sobretudo lanches **ao, ao, ao** Garrett, **ao, ao** Guerra Junqueiro, e. **ao** Dom António Feliciano de Castilho - .... ..., **o** Camilo tinha que sustentar isso e ela então com as suas fidalguias, com as suas burguesias, lá sustentava, ia-se polindo... (CD Português falado, Amores de Camilo)

Os mesmos efeitos reforçados do artigo foram observados nas construções antroponímicas e patronímicas de pessoas existentes em subconsciência de uma comunidade menor do que a que se refere acima. Nos seguintes exemplos podemos ver em oposição dois registos, dois diferentes graus de formalidade e intimidade:

**Pedro Rodrigues** é o nosso novo colega. (maior grau de formalidade)

**O Pedro Rodrigues** está à nossa espera. (maior grau de intimidade e informalidade)

As construções encontradas levam-nos a colocar uma pergunta essencial: quando definir o artigo junto com os nomes próprios de pessoa como *informema* e quando como *pragmema*? A nossa resposta a ser desenvolvida pode parecer um tanto relativa, mas abre uma discussão para futuros trabalhos. De acordo com as nossas investigações, o artigo definido com os nomes próprios de pessoa sem o apelido, apesar de ser definido por Lapa (Lapa 1984:120) como elemento que insinua um grau de familiaridade e expressividade, pode ser visto como estilema mais constante em Português Europeu. O seu uso, na linguagem tanto falada como escrita (não formal), é tão frequente, automatizado e canónico (com a exceção da linguagem formal) que se perde a sua natureza pragmática, aproximando-se antes ao *informema*. Já no Português do Brasil, a ocorrência do artigo com os atropónimos é, por um lado,

---

<sup>22</sup> (P. C. Rodrigues, Visão, 30.7.2007, O Regresso do pintor).



diatopicamente restringida, mas, por outro lado, é sociolinguisticamente muito mais variável, apresentando uma forte atividade estilística e, porquanto, uma função muito mais marcada do que no PE. Compare-se as duas variedades, no registo oral, no seguinte quadro:

Registo oral e informal

Português Europeu	Português do Brasil
<i>(-)Déreck não se esquece nunca do seus deveres.</i> <sup>23</sup>	<i>(-)Déreck não se esquece nunca do seus deveres.</i>
pragmema	informema

Português Europeu	Português do Brasil
<i>O Déreck estuda aplicadamente as lições.</i>	<i>O Déreck estuda aplicadamente as lições..</i>
informema	pragmema

Ao contrário, em PE, mesmo que implique um certo grau de familiaridade, este é visível apenas quando colocado em oposição com o artigo omitido, o qual, sim, apresenta um alto grau de formalidade, marginalidade e uma marcação muito mais forte.

Conclua-se que a variabilidade estilística do artigo definido e do artigo zero depende altamente de tais fatores importantes como são o diafásico (tipo textual), o grau de familiaridade (PB) ou formalidade (PE) e, também, o diatópico.

### 3. Conclusão

O presente artigo limita-se a resumir, apenas concisamente, algumas das nossas observações relativas à marcação do artigo e, portanto, abre um vasto leque de questões que poderão ser respondidas em outras nossas análises mais complexas.<sup>24</sup> No presente texto, limitamo-nos a mostrar, muito resumidamente, apenas dois tipos da marcação do artigo: o morfológico e o estilístico.

No plano morfológico, a marcação foi ilustrada tanto a nível do sistema de *la langue* como a nível de *la parole*. A nível mais geral foram analisados os movimentos em que decorre o processo de concordância nominal e a nominalização, no segundo plano de *la parole* observámos as ocorrências das estruturas concretas da palavra, isto é, das formas contraídas e não contraídas da preposição *de* com o artigo. Em todas as três situações, o artigo mostrou a sua função morfológica tanto canónica como não canónica (anómala), fato que nos permitiu aplicar o termo de *marcação morfológica e estilística* de acordo com a teoria de M. Krčmová (2011).

A nível estilístico, verificámos três novas propriedades do artigo: constante, aderente e inerente. O nosso foco de interesse foi o valor aderente, o qual mostrou, no caso do artigo,

<sup>23</sup> Os exemplos de Lapa (1989:120) foram modificados.

<sup>24</sup> A nossa pesquisa completa encontra-se no link: <https://is.muni.cz/www/9255/articles/>

uma vasta variabilidade estilística. Chegou-se à conclusão de que o artigo pode ser definido como estilema, composto por dois componentes, pragmático e nocional, denominados, *pragmema* e *informema*, respetivamente. Tentámos ilustrar esta dicotomia em construções nominais formadas por antropónimos e, também, patrónimos. Destacámos não só a variabilidade estilística do artigo (valor pragmático e nocional) como também a diatópica (ocorrências diferentes nas variedades europeia e brasileira do Português) e textual (ocorrências diferentes conforme o tipo do texto – ou registo).

### Referências bibliográficas:

- BACK, Eurico/ MATTOS, Geraldo (1972). Gramática Construtural da Língua Portuguesa. São Paulo: FTD.
- BOLINGER, Dwight (1980). Syntactic Diffusion and the Indefinite Article. Indiana: Indiana University Linguistics Club.
- CORBLIN, Francis (1987). Indéfini, défini et démonstratif. Paris: Librairie Droz.
- CUNHA, Celso, L.F. CINTRA, Lindley (1999). Gramática do Português Contemporâneo. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- DUARTE, Inês & Fátima OLIVEIRA (2003), *Referência nominal*. In: Mateus, Brito, Duarte, Faria et al. (2003). Gramática da Língua Portuguesa (5ª edição). Lisboa: Editorial Caminho-Colecção Universitária.
- FINDRA, Jan (2002). *Štýléma a paradigmátika stylistiky*. In: *Sborník prací filozoficko-přírodovědné fakulty Slezské Univerzity v Opavě, řada jazykovědná*, (série D2), Opava: Universidade de Silésia.
- GOUVEIA, Maria Carmen de Frias: (2003). *O género dos estrangeirismos usados na língua portuguesa*. In: *Actas do VIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 411-419). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.
- GOUVEIA, Maria Carmen de Frias: (2004). *Considerações sobre a categoria gramatical de género. Sua evolução do latim ao português arcaico*. In: *Biblos. Revista da Faculdade de Letras. Ocidente. Oriente*. Vol. II (2ª série), (pp. 443-475). Coimbra: FLUC .
- GOUVEIA, Maria Carmen de Frias: (2007). *Ainda o género gramatical dos substantivos e adjetivos em Portugal e no Brasil*. In: *Biblos. Revista da Faculdade de Letras. Universidade – um passado com futuro*. Vol. V (II série), (pp. 263-276). Coimbra: FLUC.
- KRČMOVÁ, Marie (2005). *Příznakovost a její specifika v morfologii*. IN: *Linguistica Online*. Brno: Universidade de Masaryk. <http://www.phil.muni.cz/linguistica/art/krcmova/krc-006.pdf> /.
- LAPA, Manuel Rodrigues (1984). Estilística da Língua Portuguesa. Coimbra: Coimbra Ed.
- OLIVEIRA, Fátima (1987). *Cadeias anafóricas. Que referência?* In *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literaturas II*. Vol. IV, (pp. 125-135). Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2553.pdf>
- OLIVEIRA, Fátima (1996). *Semântica*. In: Faria, Hub Isabel (orgs.): *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. (pp. 333-379). Lisboa: Caminho.
- PEREIRA, Déreck (2011). *O sistema de determinante na língua falada no sertão pernambucano. Análise da ocorrência de artigos expletivos em dados de escrita*. Relatório Final. Pernambuco: UFRP.
- PUCHOVSKÁ, Zuzana (2009). *Polyfunkčnost' francúzskeho určitého a neurčitého členu z pohľadu slovenského jazyka*. Tese de dissertação. Bratislava: Universidade Comenius.
- RAMOS, Joaquim José de Sousa Coelho (2012). *Presença ou ausência de artigo nos sintagmas preposicionados complementos e /ou modificadores de nome*. Tese de mestrado. Porto: Universidade do Porto.
- SANTOS, Ana Sofia Rodrigues (2008). *A influência da L1 no processo de aquisição de L2*. In: *Actas do XXIV Encontro Nacional da APL*, (467-480). Braga: APL.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1989). *Kurs obecné lingvistiky*. Praga: Odeon.
- SILVA LEÃO, Angela Tonelli Vaz (1958). *A Estilística: tentativa de conceituação e de aplicação a alguns fatos da língua* In: *Revista Brasileira*. Academia Brasileira de Letras. Belo Horizonte: UFMG.
- SILVA LEÃO, Angela Tonelli Vaz (1960). *Sobre a estilística de Spitzer*. Belo Horizonte: Imprensa da UFMG.
- MOREIRA, Cláudia Alexandra (2009). *Contextos de (in)formalidade – os artigos indefinidos nas crónicas e nos chats*. In: *Actas do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. (pp.701-716). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.
-

- SOARES, Isabel Maria Pardal Hanemann (1999). *Contextos de ocorrência do nome próprio com e sem artigo definido: Qual o estatuto do artigo?* In. *Actas do XV Encontro nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. (pp.495-511). Faro: APL.
- SOARES, Isabel Maria Pardal Hanemann (1999). *Contributos para uma análise da semântica dos nomes próprios?* In. *Actas do XV Encontro nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. (pp. 511-525). Faro: APL.
- SVOBODOVÁ, Iva (2009). *Movimentos semânticos do artigo*. In: *Jornadas de Estudos Românicos*. Bratislava: Universidade de Comenius.
- SVOBODOVÁ, Iva (2010). *Stylisticko-pragmatické faktory použití členu v současné portugalštině*. Brno: Universidade de Masaryk.
- SVOBODOVÁ, Iva (2011). *Artigo definido e nulo com os antropónimos e topónimos*. In: *Étude Romanes de Brno* (vol. 32:1). Brno: Universidade de Masaryk.
- SVOBODOVÁ, Iva (2013). *Componente como substantivo uniforme de dois géneros*. In: *Diacrítica. Revista do Centro de Estudos Romanísticos. Série Ciências de Linguagem*. Vol:27/1 (pp.239-267). Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos Humanísticos.
- TAVAČOVÁ, Lenka (2015). *Uso do artigo definido com antropónimos e topónimos no Português do Brasil - pesquisa orientada para o registo familiar*. Trabalho de mestrado. Brno: Universidade de Masaryk.
- ZAVADIL, Bohumil, ČERMÁK, Petr: (2010). *Mluvnice současné španělštiny, Lingvisticky interpretační přístup*. Praha: Karolinum.
- Outros materiais:
- ALEGRE, Manuel (2002). *Cão como nós*. 21ªed. Lisboa: LeYa.
- Materiais audio-visuais:*
- Visão, 30.7.2007, *O Regresso do pintor*.
- CD - Documentos autênticos do Português Falado, Instituto Camões.
- Corpora:* Vercial, Cetem Publico (Linguatca)
-